

ELES ERRARAM TUDO

Vicente Nunes e
Luiz Gustavo Rabelo
Da equipe do **Correio**

Se já havia uma desconfiança da população em relação às previsões feitas por economistas sobre o desempenho do país, 1999 só fez aumentar esse sentimento. Não sem motivos. A “indústria do achismo” errou todas as previsões. E o pior. Nem os integrantes da equipe econômica do governo, que detêm informações estratégicas, conseguiram sair

ilesos do mar de previsões equivocadas. Tudo bem que o ano passado foi marcado por uma das mais graves crises já enfrentadas pelo Brasil por causa da desvalorização do real. Mas quem, por exemplo, se guiou pelas previsões feitas para a inflação simplesmente “pirou”. No fim de 1998, o governo jurava que a inflação, no ano seguinte, ficaria em 2%. Veio a devalorização do real, em janeiro passado, e o ministro da Fazenda, Pedro Malan, alardeou que o aumento de preços

não passaria de 10%. Nesse meio tempo, já circulavam as mais diferentes previsões de economistas de consultorias e de bancos nacionais e estrangeiros. O banco Lehman Brothers, por exemplo, apostou em uma inflação de 85%. Os índices finais medidos tanto pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) quanto pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostraram, no entanto, que a inflação ficou entre 8% e 20%. Com o dólar não foi diferente. Ao sair

demitido da presidência do Banco Central, no dia 12 de janeiro, Gustavo Franco afirmou que o dólar fecharia 1999 valendo mais de R\$ 3. A moeda estadunidense encerrou o ano em R\$ 1,80. Sobre o crescimento da economia, primeiro se começou com uma previsão otimista de expansão de 4%. Depois, Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda, projetou uma queda de 8%. O Produto Interno Bruto (PIB) do país fechou 1999 com aumento de 0,5% a 1%.